

EM TERRAS DE PURA VIDA: UM ESTÁGIO NA COSTA RICA



DANIEL MÊDAS¹

¹ Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro, Campus Universitário de Santiago, 3810-193 Aveiro

CITAÇÃO RECOMENDADA Mêdas D (2024). Em terras de pura vida: Um estágio na Costa Rica. *Lucanus* – Revista de Ambiente e Sociedade, Volume VIII, Páginas 102-133.

Apresentação

O meu nome é Daniel Mêdas, tenho 22 anos e sou estudante de Mestrado em Biologia Aplicada na Universidade de Aveiro. Sempre tive uma forte ligação com a natureza, que me foi passada pela minha família. Desde pequeno que tive a natureza muito presente na minha vida e isso fez com que crescesse uma chama de curiosidade e interesse por saber mais. Mas foi no 3.º ano da licenciatura em Biologia que descobri uma nova forma de observar e registar: a fotografia. Numa aula dedicada a esta arte, percebi que, através da câmara, podia capturar momentos únicos da vida selvagem, preservando não só imagens, mas também histórias.

O que mais me atrai na fotografia de vida selvagem é a paciência e a imprevisibilidade. Observar os animais no seu habitat natural, perceber os seus padrões de comportamento e esperar pelo instante certo para fotografar faz com que cada imagem tenha um valor especial. Não se trata apenas de apontar e disparar, mas sim de estar no lugar certo, à hora certa, respeitando sempre o espaço e o ritmo da natureza.

Recentemente, tive a oportunidade de viajar até à Costa Rica para realizar um estágio. Para além do lado académico, esta experiência foi uma verdadeira imersão na biodiversidade do país. Desde os primeiros momentos, percebi que cada dia trazia algo novo: fosse um som diferente na floresta, um animal que nunca tinha visto ou um desafio inesperado para conseguir a fotografia ideal.

Espero que este artigo consiga transportar os leitores para essa jornada e despertar neles o mesmo fascínio pela vida selvagem. A natureza tem tanto para oferecer – só precisamos de tempo e atenção para realmente a apreciar.

Introdução

No coração pulsante da América Central, onde a selva dança com o oceano e o moderno, quando da América Latina se fala, caminha de mãos dadas com a tradição, ergue-se a Costa Rica. Uma terra onde o verde domina, o tempo abranda e a vida é vivida muitas das vezes na simplicidade, um equilíbrio raro entre natureza e humanidade.

Mas a minha experiência na América Latina começa bem antes desta oportunidade. Desde pequeno, deliciava-me com as histórias fantásticas contadas pelo meu pai sobre a América Latina, mais propriamente a Venezuela. Da boca de alguém que experienciou o clima tropical durante vários anos, ainda em jovem e devido à emigração dos meus avós, percebi que o modo de vida de quem chama casa a estes locais se sobrepõe em muitos aspetos ao nosso estilo de vida europeu. Em poucas palavras, fazem jus à expressão: *“Menos é mais”*.

Das inúmeras memórias, a maioria falava da extraordinária realidade natural do país: araras a sobrevoarem as ruas e as casas, macacos a passarem nos fios de eletricidade, iguanas nos jardins, fruta doce, fresca e sumarenta, e a personalidade escaldante dos latino-americanos.

Crescer rodeado por estas histórias fez com que surgisse, dentro de um pequeno amante da Biologia, o desejo de conhecer pessoalmente a América Latina no seu esplendor. No entanto, esse desejo teve de esperar alguns anos.

Início

29 de dezembro de 2023. O dia que marcou o início daquela que viria a ser uma das, se não a melhor experiência da minha vida até ao momento. Descubri uma publicação numa rede social sobre um estágio em plena floresta tropical. Esse estágio, com a duração de três semanas, seria realizado num Santuário, mas com a possibilidade de explorar outras regiões da Costa Rica nos dias de folga (3) e nos dias culturais (3).

A candidatura realizava-se a nível nacional no dia 1 de janeiro de 2024, às 00:00, e era feita por ordem de inscrição através de uma simples frase: *“Gostava de me candidatar ao estágio de biologia”*. Foi curioso passar a passagem de ano sempre à espera das 12 badaladas para poder enviar essa mensagem.

Após ter sido selecionado, chegou a altura de comprar os voos, marcar a consulta do viajante e adquirir todo o equipamento necessário para um estágio deste tipo.

Os meses passaram e, até agosto, ainda não me tinha caído a ficha de que ia viajar completamente sozinho para o outro lado do Oceano Atlântico. Éramos 12 portugueses no estágio, mas eu era o único do distrito do Porto; todos os restantes eram de Lisboa e de Faro.

Viagem Portugal – Costa Rica

23 de agosto de 2024. Chegara o dia da partida para uma nova aventura. Um dia que começava cedo, mais precisamente às três da manhã, para chegar a tempo do meu voo, que partiria às 8:15, com escala em Madrid e chegada a San José às 14:25 do mesmo dia (-7h).

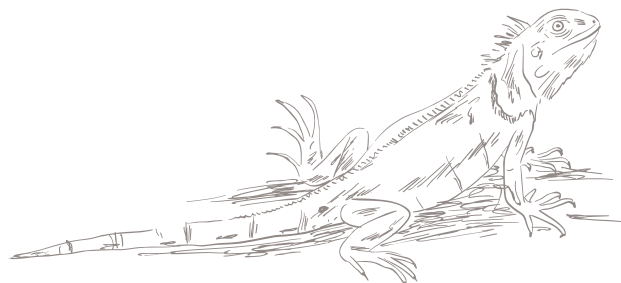
No aeroporto, após todas as despedidas feitas e inúmeros avisos dos meus pais e da minha irmã para ter cuidado, pois estava “*por minha conta*”, lancei-me ao mundo em busca de memórias, aprendizagem e fotografia.

Chegada

Recém-chegado aos trópicos, fui imediatamente confrontado com uma notícia que podia ter arruinado o início daquela que viria a ser uma experiência inesquecível. Na recolha das bagagens, dei por mim numa busca interminável pela minha mala. Após muito tempo de um lado para o outro, dirigi-me a um balcão, onde me informaram que a minha bagagem tinha sido perdida e que não sabiam do seu paradeiro.

Mesmo com esta notícia, tentei manter-me positivo, pois estava longe de deixar um pequeno percalço estragar aquele momento. No meio do problema, os rapazes que conheci no avião e que iam estagiar comigo ofereceram-se para me ajudar sempre que precisasse de roupa ou de outras coisas que pudessem ser partilhadas.

Ultrapassado este momento de maior stress e já contactáveis neste novo continente, deslocámo-nos para o setor de chegadas, onde fomos recebidos por um dos funcionários do Santuário. Durante a viagem de pouco mais de três horas, pudemos desfrutar da beleza natural e da cultura do país. No trânsito, presenciámos a venda de plátano frito por vendedores ambulantes que circulavam a pé, vendendo de janela em janela aos veículos que se deslocavam na via.



Chegada ao Santuário

Com a chegada ao Santuário, por volta das 21h (hora costa-riquenha), fomos recebidos pelo grupo de portugueses que tinha chegado três semanas antes e que celebrava o seu último dia junto. Fomos então divididos pelas respetivas casernas, onde ficaríamos alojados com os nossos colegas de quarto para as três semanas seguintes.

Aproveitámos para conviver com os restantes portugueses e descansar, pois, o dia seguinte começaria bem cedo.

Dia de trabalho

No Santuário, o dia começava às cinco da manhã, e todos tínhamos de estar presentes na cozinha, onde as refeições dos animais eram preparadas às seis em ponto. Quem não chegasse à hora designada ficaria responsável por despejar o composto — um barril com todos os restos orgânicos das refeições dos animais e das nossas, que, ao final do dia, emanava um cheiro nauseabundo. Como se o odor não fosse suficiente, ainda teria de transportar os barris cheios até ao outro lado do Santuário para os despejar num buraco feito no chão, designado para esse efeito.

Na cozinha, o grupo de 12 era dividido pelos três setores do Santuário, sendo cada um responsável pelas refeições dos respetivos cercados. Grande parte das alimentações da manhã consistia em cenoura (*zanahoria*), batata-doce (*camote*), melancia (*sandía*), feijão (*frijoles*), alface (*lechuga*), ovos mexidos (*huevos revueltos*), concentrado de frango e de porco (*concentrado de pollo e de cerdo*), entre outros.

Alguns dos animais presentes nesses cercados variavam das lindas e coloridas araras-escarlates (*Ara macao*), aos macacos mais enérgicos, como os macacos-esquilo (*Saimiri collinsi*), até a predadores de topo, como o jaguar (*Panthera onca*)

O processo de alimentação dos animais era dividido por fases e tinha regras bem definidas. Quando chegávamos à cozinha, a primeira tarefa era recolher, dos recintos, todas as taças que haviam sido deixadas no dia anterior com a alimentação da tarde. Após essa recolha, os restos eram colocados no barril de composto, e as taças lavadas com sabão para ficarem devidamente limpas antes de receberem nova alimentação.

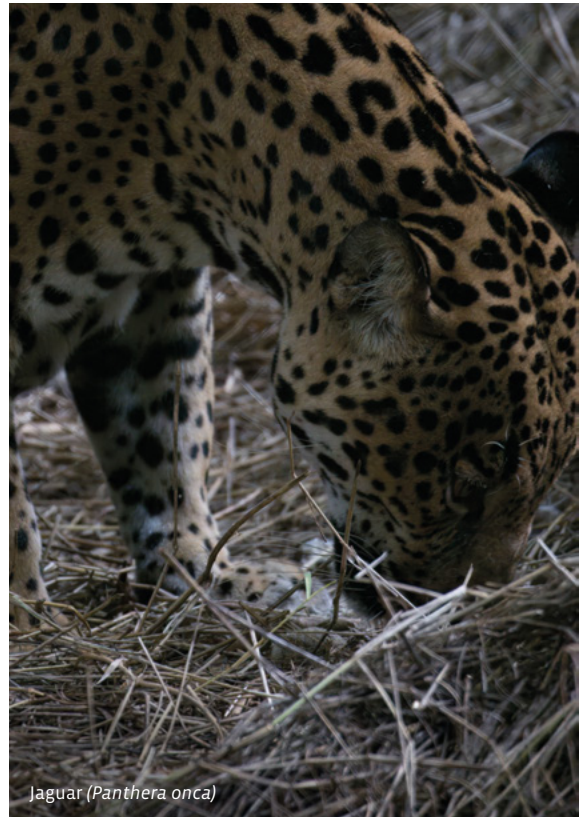
Depois da limpeza, as taças eram distribuídas pelas bancadas correspondentes a cada um dos três setores, onde se colocavam cartões plastificados indi-



Arara escarlata (*Ara macao*)



Macaco-esquilo (*Saimiri collinsi*)



Jaguar (*Panthera onca*)



Arara escarlata (*Ara macao*)

cando os ingredientes e respectivas quantidades para os indivíduos presentes em cada cercado. As araras-escarlates e as araras-militares (*Ara militaris*) encontravam-se em cercados em formato de donut, permitindo-lhes formar um túnel de voo infinito.

Já as outras espécies de araras estavam alojadas em cercados semelhantes aos das restantes aves. Nos cercados em formato de donut, a quantidade de comida fornecida era superior, pois o número de indivíduos ali era consideravelmente maior do que nos outros recintos do Santuário.

Refeições

Apenas quando todos os animais estavam saciados, nós, trabalhadores, podíamos, às oito da manhã, finalmente desfrutar de um nutritivo e delicioso pequeno-almoço.

Como estávamos na Costa Rica, as refeições, na sua grande maioria, incluíam “*gallo pinto*”, o famoso arroz com feijão. Devido às suas capacidades nutricionais, o feijão estava presente em praticamente todas as refeições, garantindo uma alimentação equilibrada.

Ocasionalmente, tínhamos à nossa frente uma panela acompanhada por uma sumarenta peça de fruta, fosse ela manga, melancia, morangos ou papaia. Os sumos eram sempre naturais, em todas as refeições, refletindo a diversidade de fruta existente nestes locais tropicais.

Entre o pequeno-almoço e o almoço, realizávamos uma das muitas atividades do estágio: os transectos. Divididos em grupos de três, percorríamos, durante cerca de quatro a cinco dias, um trajeto específico pela floresta tropical, com o intuito de listar todas as espécies de aves e répteis que ouvíssemos ou víssemos, utilizando a aplicação Merlin para auxiliar na vertente de identificação da avifauna. Após esse curto período, os grupos trocavam de percurso, de forma a garantir que todos realizavam todos os trajetos. No final, os dados eram inseridos num ficheiro Excel e entregues ao Santuário, permitindo uma análise inicial das espécies presentes na floresta circundante.

Durante o dia de trabalho, também realizávamos etogramas, estudos de comportamento de um determinado animal do Santuário, com o propósito de responder a uma pergunta ecológica escolhida pelo grupo. Os etogramas eram realizados três vezes ao dia, com a duração de uma hora cada (uma hora por membro do grupo). À medida que os dias passavam, o horário de início dos etogramas avançava uma hora: quem no dia anterior começara às seis horas, iniciava agora às 7, e os restantes membros do grupo ajustavam-se de igual forma, até que todos tivessem registado observações em todas as

horas do dia de trabalho. Todos os dados recolhidos neste pequeno projeto comportamental eram depois analisados e posteriormente apresentados ao responsável do Santuário e aos restantes colegas de estágio, em inglês.

Fauna do Santuário

Durante os dias que passei no Santuário, tive a oportunidade de fotografar uma grande diversidade de animais selvagens. Entre as aves, destaco as araras-escarlates, os colibris-de-ventre-azul (*Saucerottia hoffmanni*), os papagaios-de-cabeça-azul (*Pionus menstruus*) e os mot-mots (*Eumomota superciliosa*), além dos imponentes urubus-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*) e os urubus-de-cabeça-vermelha (*Cathartes aura*).

Dos mamíferos, cruzei-me com preguiças de dois dedos (*Choloepus*), macacos uivadores (*Alouatta*), macacos-esquilo e esquilos (*Sciurus variegatoides*) a saltar entre os galhos.

Pelo chão, os ágeis agoutis (*Dasyprocta*) percorriam a vegetação, enquanto as borboletas-mocho (*Caligo eurilochus*) contrastavam com as iguanas-verdes (*Iguana iguana*) e as discretas iguanas-pretas (*Ctenosaura pectinata*). A cada canto, um novo encontro inesperado com muitas outras espécies, revelava a riqueza da vida selvagem local.

Tive imensa sorte no que diz respeito ao avistamento de espécies, pois, sempre que ia sozinho a algum lugar, surgia uma nova espécie. Foi o que aconteceu em duas ocasiões, quando avistei duas espécies distintas de caracará: o caracará de cabeça-amarela (*Milvago chimachima*) e o caracará-de-crista (*Caracara plancus*).

Durante o almoço, num dos dias, um dos monitores do estágio apercebeu-se de movimento numa das árvores perto da cozinha. Com o auxílio de binóculos, conseguimos identificar um tamanduá-mexicano (*Tamandua mexicana*), que tinha subido até ao topo da árvore e que se encontrava a descansar.

Além de todos os animais avistados durante o dia, uma saída nocturna na floresta circundante ao Santuário revelou um gecko-de-cabeça-amarela (*Gonatodes albogularis*), um gecko-listrado da América Central (*Coleonyx mitratus*) e uma barata-gigante (*Archimandrita saussure*).



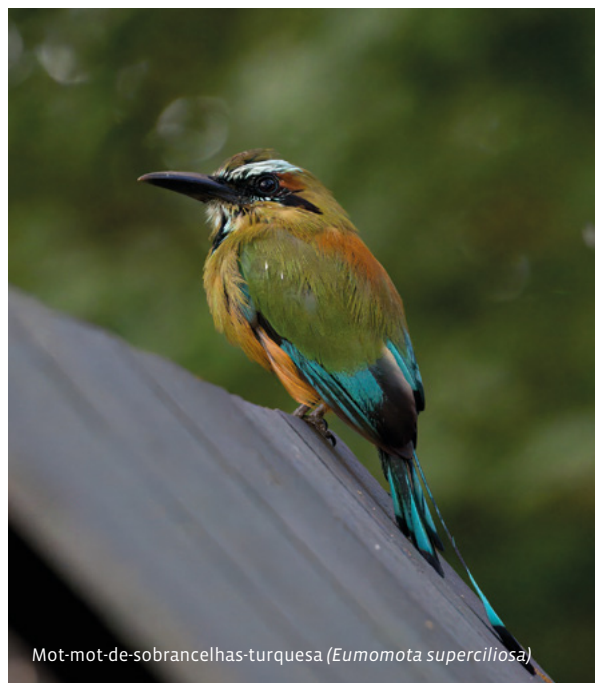
A cada canto, um novo encontro inesperado com muitas outras espécies.”



Colibri-de-ventre-azul (*Saucerottia hoffmanni*)



Papagaio-de-cabeça-azul (*Pionus menstruus*)



Mot-mot-de-sobrancelhas-turquesa (*Eumomota superciliosa*)



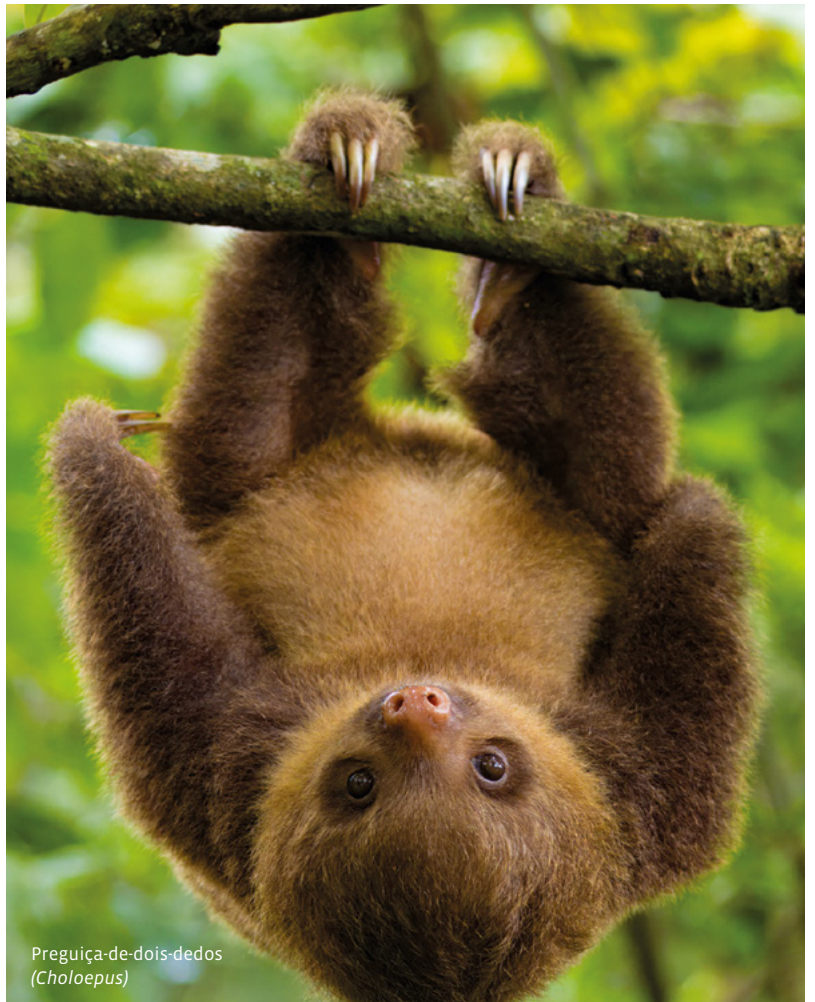
Macacos-uvadores (*Alouatta*)



Urubu-de-cabeça-vermelha (*Cathartes aura*)



Urubu-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*)



Preguiça-de-dois-dedos (*Choloepus*)



Iguana-preta (*Ctenosaura pectinata*)



Agouti (*Dasyprocta*)



Borboleta-mocho (*Caligo eurilochus*)



Esquilo-centro-americano (*Sciurus variegatoides*)



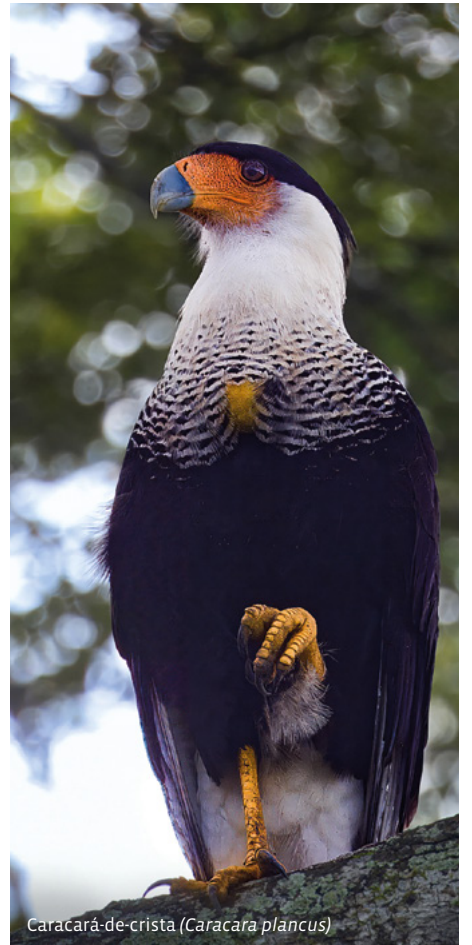
Caracará-de-cabeça-amarela (*Milvago chimachima*)



Iguana-verde (*Iguana iguana*)



Tamanduá-mexicano (*Tamandua mexicana*)



Caracará-de-crista (*Caracara plancus*)



Gecko-de-cabeça-amarela (*Gonatodes albogularis*)



Barata-gigante (*Archimandrita saussure*)



Gecko-listrado da América Central (*Coleonyx mitratus*)

Viagens

Dos 21 dias de estágio, seis eram destinados a viajar e conhecer algumas regiões do país à nossa escolha. Desses seis dias, um foi para descanso e cinco foram aproveitados e distribuídos da seguinte forma: um dia completo para visitar o Vulcão Arenal, uma visita aos mangais organizada pelo dono do Santuário e três dias para explorar o Parque Nacional de Corcovado.

Antes de qualquer saída de campo, tivemos uma folga no final da primeira semana. Essa pausa permitiu-nos descansar e aproveitar o dia, sem a obrigação de acordar às 5h. A ideia era ter o dia livre, embora, no final, estivéssemos todos à mercê do relógio da chuva, que, quando tocava as horas, fazia com que tudo à nossa volta se transformasse num dilúvio.

Enquanto alguns aproveitaram a folga para descansar ou colocar os trabalhos do estágio em dia, eu decidi usar o meu tempo para expandir o meu portfólio fotográfico. Juntamente com um colega do grupo, fui explorar o interior mais selvagem da floresta tropical. Tendo em conta a variedade de animais que podiam surgir, o dia foi bastante produtivo e o ser vivo mais “perigoso” que encontramos foi uma espécie de lagarta urticante.

Arenal

01/09/2024. A nossa primeira viagem foi ao Vulcão Arenal. Na Costa Rica, o sistema de estradas não é tão desenvolvido como o nosso, o que faz com que um trajeto que em Portugal demoraria pouco mais de uma hora, ali demore cerca de três horas. A viagem até ao Vulcão Arenal levou cerca de quatro horas, mas, quando chegámos, subimos um trilho no meio da floresta, onde vimos inúmeros espécimes de víbora-de-pestana (*Bothriechis schlegelii*), um réptil com um veneno de propriedades neurotóxicas e hemostáticas. O percurso até ao vulcão, como o regresso à carrinha, foi repleto de esplendor natural, com diversas espécies de aves e algumas de mamíferos.

O ponto alto no que diz respeito a animais foi o avistamento de tucanos, mas, infelizmente, não consegui fotografá-los – aconteceu o pior pesadelo de um fotógrafo de vida selvagem: esqueci-me da bateria no Santuário. Apesar de não conseguir registar os animais com a câmara, utilizei o telemóvel para captar os melhores momentos e paisagens desta saída de campo. Durante a caminhada pelo trilho, acabei por ficar para trás, afastando-me do grupo, o que me permitiu desfrutar da beleza visual e sonora de um ecossistema vibrante, húmido e vivo! Nesse momento, cruzei-me com uma borboleta-azul da espécie *Morpho Menelaus*, que pousou a menos de três metros de mim, o que me permitiu fotografá-la com o telemóvel, eternizando o encontro.



Quando cheguei ao fim do trilho, reencontrei o meu grupo e partimos para o segundo dos três pontos que íamos visitar nessa saída.

Depois do Vulcão Arenal, parámos no *Rio de La Fortuna* para nos refrescarmos do calor que se fazia sentir nesse dia. No rio, havia uma corda presa a uma enorme árvore, à qual os locais chamavam de “*El Salto*”, devido à altura da qual se mergulhava na água, que tinha uma profundidade considerável e um remoinho por baixo de uma pequena cascata. Antes de irmos embora, fizemos uma última paragem nas termas de *La Fortuna* para nos banharmos nas águas aquecidas pelo vulcão adormecido. Após um tempo relaxante nessas termas, seguimos caminho ao fim da tarde, de volta a “*casa*”.

Mangal

06/09/2024. De forma a premiar o bom trabalho que estava a ser realizado por todos os presentes no Santuário, foi organizada uma visita a um dos ecossistemas mais ameaçados do mundo: o mangal. A viagem, num camião de transporte de animais com uma caixa larga o suficiente para acomodar cerca de 16 pessoas, foi dominada por nós, portugueses, e, claro, pela nossa cultura musical. Os trabalhadores do Santuário divertiam-se a ouvir as nossas músicas e a deixaram-se contagiar pela nossa animação.

Ao chegarmos ao mangal, observámos várias aves de menor tamanho a caçar na superfície da água e caranguejos nos ramos mais baixos das árvores presentes na margem, assim como no chão, onde tinham as suas tocas. O regresso foi tão divertido quanto a ida, refletindo a boa disposição e o ânimo do grupo e de todos os que nos acompanhavam.



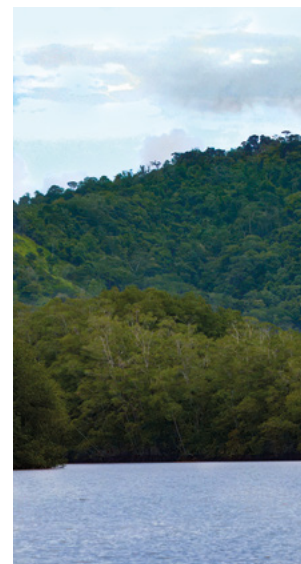
Corcovado

Nos dias 7, 8 e 9 de setembro fomos ao Parque Nacional de Corcovado, casa para 2,5% de toda a biodiversidade do mundo. Esta que foi a melhor experiência que vivi na Costa Rica, começou com uma viagem curta de apenas seis horas até Sierpe, uma localidade que obteve o seu nome do rio ao qual é adjacente. Saímos do Santuário bem cedo para podermos ainda aproveitar o resto do dia para descansar e conhecer a vila.

Antes de chegarmos a Sierpe fizemos uma paragem no Rio Tárcoles para observarmos alguns dos maiores crocodilos (*Crocodylus acutus*) da Costa Rica. Do topo da ponte que atravessava o rio, era possível ver crocodilos com quatro/cinco metros de comprimento que mostravam a sua imponência nas águas em que habitavam.

Ao chegar à vila à beira-rio, fomos diretamente para o hostel onde ficaríamos alojados, mesmo ao lado do *ferry*. Na primeira noite, fomos todos juntos a um bar que havia no fundo da rua, onde fomos recebidos calorosamente pelos donos e dois clientes que lá se encontravam. Dançámos e cantámos música portuguesa noite dentro para deleite dos costa-riquenhos presentes. Nessa mesma noite, e após a ingestão de boas quantidades de cacique, bebida latino-americana, por grande parte do grupo, a animação subiu de tom, levando a situações algo caricatas.

No dia seguinte, levantámo-nos às sete horas e juntámo-nos junto ao rio para observarmos os crocodilos que passavam. Depois de uma hora, fomos





Crocodilo americano (*Crocodylus acutus*)

chamados para entrarmos na lancha que nos levaria pelos mangais até ao Oceano Pacífico e depois até ao Parque Nacional de Corcovado, que está situado na Península de Osa.

A viagem de lancha foi entusiasmante. A velocidade, a adrenalina e o oceano foram fatores que elevaram a experiência a um novo nível. O percurso desde Sierpe até à praia onde atracámos demorou cerca de 1:30-2h, sendo que à chegada nos cruzámos com um pelicano-cinzento (*Pelecanus occidentalis*) pousado nas rochas.



Vista da lancha para a floresta tropical



Pelicano-pardo (*Pelecanus occidentalis*)

No Parque Nacional, fomos recebidos por um ranger que verificou todas as mochilas para garantir que nenhum plástico entrava dentro do espaço natural, com o intuito de o proteger da poluição humana. Com tudo pronto e preparados para começar o percurso pelo interior da floresta, fomos surpreendidos por um macaco-aranha (*Ateles geoffroyi*) que nos observava do cimo da árvore, suportado pela força da sua cauda preênsil. Um pouco mais à frente, ao pé de um pequeno curso de água, foi possível ver um macho e uma fêmea de basilisco (*Basiliscus basiliscus*).



Macaco-aranha (*Ateles geoffroyi*)

Acompanhados por um guia, demos início à nossa visita, que não podia ter começado de forma mais interessante, pois, ainda antes de entrarmos no trilho, chamou a nossa atenção um mutum-grande (*Crax rubra*), que descansava num ramo, algo que dava bons presságios para o que se avizinhava. Mal entrámos na floresta, o guia parou, agachou-se e mostrou-nos que, por vezes, nem tudo acontece ao nível dos nossos olhos, apontando para um grupo imenso de caranguejos eremitas equatorianos (*Coenobita compressus*).

Continuámos a nossa visita e o lugar não desapontou. Após caminharmos durante menos de cinco minutos, deparamo-nos, a menos de 100 metros, com um dos maiores predadores do mundo... um puma (*Puma concolor*). Algo que nunca esperei ter a oportunidade de observar na minha estadia na Costa Rica e que agora estava a acontecer. Devido à nossa presença no trilho, o puma levantou-se e desapareceu calmamente na floresta. No entanto, não seria a última vez que o veríamos. Meia hora mais tarde, numa zona onde dois trilhos se cruzavam, o mesmo puma passou a correr em direção à praia, enquanto era perseguido por dois coatis (*Nasua*), o que foi um avistamento digno da National Geographic.

À medida que íamos entrando mais na floresta, a vegetação ficava mais densa, mas conseguíamos ouvir também mais animais, desde colibris a macacos a balançar nas árvores acima de nós. Depois de terminarmos o trilho principal, o guia levou-nos a ver uma cascata no meio da floresta. Para lá chegarmos, tivemos de atravessar um rio com uma corrente forte e... crocodilos. O guia avisou-nos da presença desses animais naquele rio, para que estivéssemos sempre atentos ao atravessá-lo. Felizmente, apenas vimos algum desses répteis depois de seguirmos uns 100 metros no trilho do outro lado do rio, estando um na margem a apanhar sol e outro dentro de água escondido. Ao chegar à cascata, aproveitámos para umas belas fotos de grupo e para um descanso merecido após uma longa caminhada.

Na volta, cruzámo-nos com um casal de íbis-branca-americana (*Eudocimus albus*), um goraz-coroadado (*Nyctanassa violacea*) e um colibri-flor-coroadado (*Thalurania colombica*), que originou uma das minhas fotografias favoritas desta viagem.



Algo que nunca esperei ter a oportunidade de observar.”





Basilisco fêmea (*Basiliscus basiliscus*)



Mutum-grande (*Crax rubra*)



Basilisco macho (*Basiliscus basiliscus*)



Puma (*Puma concolor*)



Caranguejos-eremitas-equatorianos
(*Coenobita compressus*)



Coati (*Nasua*)



Crocodilo americano (*Crocodylus acutus*)



Crocodilo americano (*Crocodylus acutus*)



Goraz-coroado (*Nyctanassa violacea*)



Íbis-branca-americana (*Eudocimus albus*)



Colibri-coroado (*Thalurania colombica*)

Ao chegar à praia, almoçámos, descansámos por um bocado e voltámos a Sierpe. Pelo caminho, ainda parámos na Baía de Drake para que o condutor da lancha pudesse deixar a sua filha na escola, o que foi algo engraçado de presenciar. Esta viagem de lancha permitiu-me tirar bastantes fotografias da paisagem natural da floresta tropical.

Chegámos a Sierpe a meio da tarde, e um dos guias convidou-nos a fazermos uma saída noturna para observar répteis e anfíbios na floresta tropical. E que saída! Saímos por volta das 21 horas, num veículo que parecia ser uma plataforma com bancos, um motor e um volante. Neste passeio noturno, tivemos a oportunidade de ver animais espetaculares, mas certamente quem dominou a noite foram os mosquitos. Ainda antes de chegarmos à plataforma do outro lado do rio, vimos nos mangais uma garça-verde (*Butorides virescens*) escondida entre os ramos. Após chegarmos a terra firme, começámos a caminhada por uma estrada e logo encontrámos uma serpente-olho-de-gato-anelada juvenil (*Leptodeira annulata*) e a serpente responsável por cerca de 90% dos ataques de cobras venenosas na Costa Rica, Fer-de-Lance (*Bothrops asper*).



Garça-verde (*Butorides virescens*)



Fer-de-Lance (*Bothrops asper*)



Serpente-olho-de-gato-anelada juvenil (*Leptodeira annulata*)

Mais à frente, na estrada, entrámos por um trilho que ia dar à floresta tropical. A diversidade de anfíbios e aracnídeos que observámos nesse trilho foi muito interessante. Começámos por ver um sapo-folha-de-olhos-vermelhos (*Agalychnis saltator*) adulto e um juvenil, uma rã-de-vidro, uma tarântula e um eremita-de-bico-longo (*Phaethornis longirostris*). Ao chegarmos ao rio que corria pela floresta, o guia pediu-nos para esperar enquanto ia buscar dois espécimes de anfíbio que nos iam surpreender. Passados uns minutos, chegou com uma rã vermelha granulada (*Oophaga granulifera*) e um sapo-ponta-de-flecha-verde-e-preto (*Dendrobates auratus*). Ao regressar à estrada, ainda tivemos a sorte de ver um tucano-de-mandíbula-preta (*Ramphastos ambiguus*), uma coruja-de-crista (*Lophotrix cristata*), um urutau-comum (*Nyctibius griseus*) e um curiango-comum (*Nyctidromus albicollis*). Por fim, chegámos à plataforma e regressámos ao hostel.

No terceiro dia desta viagem, fomos à praia de Jacó para relaxarmos antes de retornar ao Santuário. A praia, com uma extensão imensa e cercada por floresta tropical, apresentava-se quase vazia. Com um areal vasto, o Oceano Pacífico de água quente e um bando de pelicanos cinzentos a sobrevoar a água, nada podia tornar a experiência mais perfeita.



Sapo-folha-de-olhos-vermelhos (*Agalychnis saltator*)



Tarântula



Eremita-de-bico-longo (*Phaethornis longirostris*)



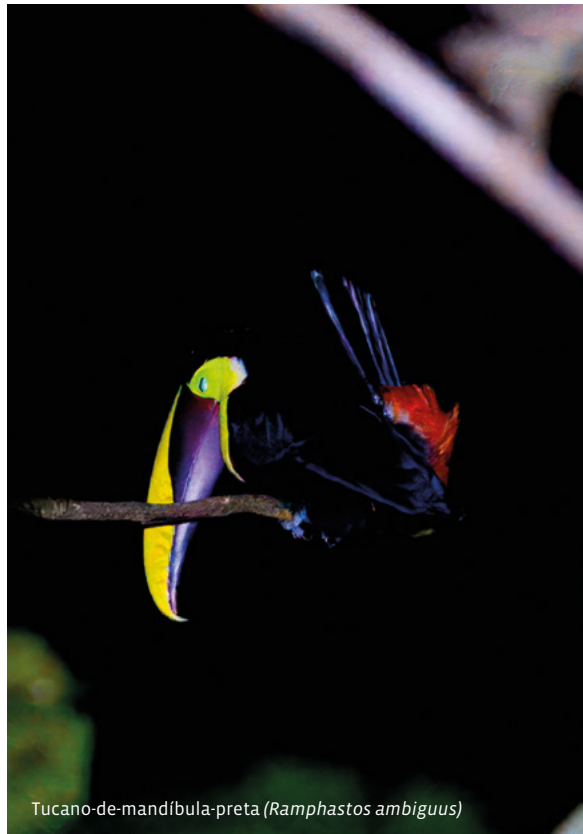
Rã-vermelha-granulada (*Oophaga granulifera*)



Rã-ponta-de-flecha-verde-e-preto (*Dendrobates aūratus*)



Urutau-comum (*Nyctibius griseus*)



Tucano-de-mandíbula-preta (*Ramphastos ambiguus*)



Coruja-de-crista (*Lophotrix cristata*)



Curiango-comum (*Nyctidromus albicollis*)



Tarefas extra

Durante o estágio, alguns dos estagiários tiveram tarefas especiais atribuídas consoante as suas capacidades e interesses. Enquanto um dos rapazes teve a oportunidade de acompanhar e ver o trabalho realizado pelo grupo do estágio de veterinária – que muitas vezes realizava tarefas ao mesmo tempo que as nossas e, por vezes, no mesmo local, permitindo que todos vivêssemos a mesma experiência – eu tive a possibilidade, com uma grande ajuda dos meus amigos portugueses que me chamavam sempre que avistavam um novo animal para eu fotografar, de me dedicar mais à tarefa fotográfica, com o objetivo de catalogar um bom número de espécies. No final do estágio, pude realizar uma apresentação sobre a fauna presente no Santuário e no Parque Nacional de Corcovado.

Experiências

E como o estágio não foi só viagem e trabalho, mas também conhecer novos locais, fomos várias vezes à aldeia para interagir com os habitantes. Muitas vezes, estavam à porta do supermercado a vender “pinchos” de carne, ou, em português, espetadas de carne numa tortilha, ou então estavam prontos para jogar umas partidas de futebol num campo de relva natural. Para marcar as linhas do campo, não havia tinta, por isso tiveram de arranjar uma solução mais engenhosa: enquanto o campo, na sua maioria, era todo cortado, as linhas e marcações eram deixadas com a relva alta, de forma a diferenciar os limites do campo.

Na primeira vez que fomos jogar, dei por mim deslumbrado com uma situação que mais parecia saída de um filme: debaixo de uma chuva tropical miúda, um casal de araras sobrevoou o campo a vocalizar. Olhei para o céu e, enquanto as gotas da chuva me escorriam no rosto, uma sensação de euforia percorreu-me o corpo e arrepiou-me a espinha, desconectando-me da realidade por alguns momentos e transportando-me para uma pequena viagem no meu subconsciente.

Atividade escolar

Antes do término do estágio, foi ainda realizada uma atividade com a escola da localidade de Aranjuez, em Puntarenas. No início do dia, dirigimo-nos à vila de Aranjuez para falarmos um pouco sobre a importância de preservar e respeitar a natureza. Como forma de nos agradecer, a escola encarregou-se da nossa refeição antes de seguirmos para o Santuário com todos os alunos, para realizarmos atividades criadas por nós, com o intuito de demonstrar o que foi abordado na pequena palestra que fizemos. Desde jogos de associação a caças ao tesouro, todas as atividades abordaram temas importantes como a desflorestação, a poluição, entre outros. No final do dia, os alunos fizeram um grande lanche no Santuário e retornaram à escola.

Churrascada

No último dia em que estivemos no Santuário, os trabalhadores, em conjunto com o dono, acharam que a melhor forma de se despedirem de nós seria nada mais, nada menos, do que com uma churrascada. O porco foi abatido e preparado durante a manhã para ser cozinhado ao jantar, no qual nos seriam entregues os diplomas e realizadas as despedidas.

Fim de estágio e estadia em San José

Com o fim do estágio, um regresso a casa avizinhava-se, mas não de imediato; antes, uma passagem breve pela capital estava marcada para apanhar, no dia seguinte, o meu voo de regresso a Portugal. Durante a viagem de ida para a capital, que coincidiu com as celebrações do Dia da Independência, o nosso motorista explicou-nos o motivo da celebração deste dia. As celebrações consistem em muita dança, música, cor e alegria, mas há um evento que marca um ponto importante da independência do país. As celebrações começam com o transporte de uma tocha desde a Guatemala até à Costa Rica, tudo nas mãos de crianças, tal como aconteceu a 15 de Setembro de 1821, quando a notícia de uma nova era de liberdade foi espalhada pelas crianças nos países que, nesse dia, deixaram de estar sob domínio espanhol.



Durante esta minha estadia efémera na capital, dois episódios curiosos ocorreram. O primeiro aconteceu no dia em que cheguei à capital, já no final da tarde. Na Costa Rica, os táxis são regateáveis e, como qualquer português do norte que se preze, fiz jus às minhas origens e regateei com um taxista chamado Samuel. Pois então, Samuel queria cobrar-me 18\$ por uma viagem do aeroporto ao McDonald's, para arranjar o que jantar de forma rápida e simples, e depois para o hostel. Com regateio para um lado e regateio para o outro, lá consegui baixar o preço para quase metade do valor original: 10\$.

Enquanto nos encaminhávamos para a primeira paragem, dei por mim a ouvir a história de vida de um mexicano, que, ainda jovem, veio para a Costa Rica com os pais para trabalhar e acabou por se tornar taxista. Entre muito espanhol da parte dele e ainda maisportunhol da minha parte, lá nos íamos entendendo, acabando por fazer cair no esquecimento, durante esses momentos, o facto de me encontrar num carro com um total desconhecido, num carro descaracterizado, no outro lado do mundo e completamente sozinho. Acabei por retirar desses momentos belas memórias de uma conversa com alguém que nunca mais verei na vida. Quando cheguei ao hostel, ainda tive tempo para, durante uma travagem brusca, virar parte da minha bebida dentro do carro do pobre taxista, que seguia viagem com menos 8\$ do que planeava e ainda com um banco molhado. Subi, comi e dormi; não há melhor forma de descrever o que mais fiz nessa noite.

Pela manhã, a segunda peripécia – para muitos, algo que talvez não mereça tanto entusiasmo, mas para um biólogo/fotógrafo, é um daqueles momentos que ficam gravados na mente para sempre. Com um voo planeado para as 15:40h, levantei-me às 8h para tomar pela última vez o pequeno-almoço no paraíso, com uma dose extra de mosquitos e bem regado de humidade. Enquanto tomava esse pequeno-almoço, ouço um chilrear que me soa familiar. Mas eu, na minha inocência e também devido a alguma falta de conhecimento da avifauna local, nunca pensei que, numa cidade, iria olhar e ver duas espécies distintas de colibri: o colibri-canela (*Amazilia rutila*) e o colibri-rabirruivo (*Amazilia tzacatl*). Escusado será dizer que, desde as 8:45h até ao horário de checkout, que era às 11:30h, nada mais fiz do que fotografar estes pequenos seres vivos que tanto me encantam.



Subi, comi e dormi; não há melhor forma de descrever o que mais fiz nessa noite.”

Regresso a Portugal

Pelas 11:30h, dei corda aos sapatos e dirigi-me para a receção do hotel, onde esperei pelo *shuttle* que me levaria ao aeroporto e que daria por terminada a minha estadia no país que me fez ficar ainda mais apaixonado pelos trópicos.

A partir daqui, pouco aconteceu: apenas um voo doloroso de regresso, não pela duração, mas pela tristeza de ver um sonho de infância terminar, depois de me entregar tudo aquilo que eu esperava e muito mais. Na chegada a Portugal, fui recebido pela minha família, com a felicidade de quem recebe um familiar ou amigo que já não vê há anos.





Colibri-rabirruivo (*Amazilia tzacatl*)



Colibri-canela (*Amazilia rutila*)

Conclusão

Para terminar esta bela reportagem, que tanto gosto me deu escrever, apenas digo o quão espetacular foi esta experiência. Sinto que algo em mim mudou, não no exterior, mas sim na pessoa que sou. Aprendi a ter um respeito ainda maior pela natureza, ao conviver com uma cultura em que esta é vista como uma aliada e não como algo descartável. De um pequeno menino de uma pequena vila de Portugal, que sempre sonhou com a América Latina, a um jovem de 22 anos que teve o privilégio de vivenciar todo um novo mundo diferente do seu, que lhe permitiu conhecer pessoas de novas culturas, fazer amigos portugueses e costa-riquenhos, provar novas comidas, ver animais apenas antes vistos em documentários e poder fotografá-los. Mas, acima de tudo, encher o coração de felicidade e o cérebro de memórias que ficarão para a vida inteira. Apesar da distância e das diferenças culturais que existem, senti-me em casa na Costa Rica, como se uma grande parte de mim pertencesse a este lugar, onde tenciono voltar o mais brevemente possível.

Dos rios infinitos ao verde interminável,
Costa Rica, *te quiero mucho*,
Daniel Médas